



Sexo e autobiografia em Rousseau: uma peça de comparação para o estudo do coração humano¹

Paulo Ferreira Junior²
Instituto Federal Baiano (IF Baiano)
paulo.junior@ifbaiano.edu.br

Resumo: O objetivo deste artigo é examinar o papel da narrativa da experiência sexual nas *Confissões* e verificar em que medida essa narrativa acrescenta algo às reflexões sobre o sexo na obra de Rousseau. Partimos da seguinte premissa: a autobiografia não é um mero acessório da teoria filosófica de Rousseau, mas parte integrante de sua reflexão sobre o ser humano. Em nossas análises, chegamos às seguintes conclusões: (i) a narrativa da experiência sexual cumpre um papel retórico no discurso autobiográfico; (ii) o exemplo de Rousseau mostra a influência da imaginação na experiência sexual e, enquanto faculdade nascida da vida social, apresenta os diversos modos de modificação, corrupção e interdição que recaem sobre o sexo; (iii) à medida que Rousseau reivindica sua autenticidade enquanto indivíduo, a retórica da narrativa da experiência sexual na autobiografia tensiona a teoria da diferença sexual e amplia as reflexões de Rousseau sobre o tema.

Palavras-chave: Rousseau; autobiografia; retórica; sexo.

Sex and autobiography in Rousseau: a comparative piece for the study of the human heart.

Abstract: The aim of this article is to examine the role of the narrative of sexual experience in the *Confessions* and to determine to what extent this narrative contributes to Rousseau's reflections on sex. We start from the following premise: autobiography is not merely an accessory to Rousseau's philosophical theory, but an integral part of his reflection on the human being. Our analyses lead us to the following conclusions: (i) the narrative of sexual experience plays a rhetorical role in the autobiographical discourse; (ii) Rousseau's example reveals the influence of imagination on sexual experience and, as a faculty born of social life, presents the various forms of modification, corruption, and prohibition that affect sex; (iii) insofar as Rousseau claims his authenticity as an individual, the rhetoric of the narrative of sexual experience in the autobiography challenges the theory of sexual difference and expands Rousseau's reflections on the subject.

Keywords: Rousseau; autobiography; rhetoric; sex.

¹ Este artigo é uma versão aprimorada da segunda parte do terceiro capítulo de minha tese de doutorado. Cf. Ferreira Junior, *O paradoxo do sexo*, 2021, p. 173-185. Apresentado no I Ciclo de Conferências Jean-Jacques Rousseau UFMA do GEPI Rousseau UFMA/FAPEMA/CNPq, pelo canal do YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=HQRJuOoZfrE&t=24s>

² Doutor em Filosofia pela UFSCar. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8223256562639584>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8404-7310>

Introdução

Jean-Jacques Rousseau é um autor bastante conhecido pela sua ortodoxia da moral sexual. No livro V do *Emílio*, por exemplo, ele apresenta uma teoria da diferença sexual segundo a qual, para que a união sexual ocorra com êxito, é necessário que o homem seja ativo e forte, a mulher, passiva e fraca; que o homem queira e possa e a mulher resista pouco; que dessas diferenças naturais emergem as diferenças de gostos e costumes, por exemplo, a audácia masculina e a timidez feminina (Rousseau, 1995a, p. 492-493). É fácil de ver que tais considerações se tornam um alvo fácil de estudos feministas, de sexualidade e de gênero. Para este trabalho, gostaria de explorar a questão sexual na autobiografia e verificar em que essa questão poderia acrescentar na reflexão de Rousseau sobre o sexo. Nas páginas iniciais das *Confissões*, o filósofo genebrino afirma que esse é o único retrato de um homem pintado ao natural e em toda a sua verdade. Ele conjura o portador desse caderno para não destruir uma obra única e útil, que pode servir de primeira peça de comparação para o estudo dos homens: “Formo uma empresa sem exemplo e cuja execução não terá imitador. Eu vou mostrar a meus semelhantes um homem em toda a verdade da natureza, e esse homem serei eu mesmo” (Rousseau, 1964a, p. 15). Rousseau se considera como um homem único. “Se eu não valho mais, pelo menos eu sou outro. Se a natureza fez bem ou mal em ter quebrado o molde em que me fez, isso só se pode julgar após me ter lido” (Rousseau, 1964a, p. 15).

Tais afirmações não são de pouca monta e nos sugerem a dar um tratamento diferenciado ao texto das *Confissões*. Em primeiro lugar, não podemos considerar a autobiografia de Rousseau como mero acessório de sua obra filosófica, mas sim que ela traz um aporte na compreensão ampla e adequada de sua teoria sobre o ser humano. Em segundo lugar, que interessa mais especificamente a este trabalho, é necessário se perguntar qual seria o papel da narrativa da experiência sexual na empresa autobiográfica. Certamente, a narrativa da intimidade sexual cumpre um papel retórico acerca da sinceridade do discurso autobiográfico. Além disso, à medida que Rousseau reivindica sua autenticidade enquanto indivíduo, a retórica do sexo, e suas dissonâncias em relação à teoria da diferença sexual, dão provas da complexidade da obra de Rousseau, de suas nuances e, sobretudo, ampliam suas reflexões sobre o sexo.

Desenvolvimento:

A autobiografia de Rousseau é uma fonte textual muito rica que nos permite ampliar suas considerações sobre o sexo. Em quase todos os livros das *Confissões*, a narrativa da intimidade

sexual opera como uma espécie de retórica da sinceridade. Esse é um tipo de recurso utilizado por Rousseau na composição de um gênero literário em que as pretensões de verdade estão sob suspeita. Sobre o problema da verdade na autobiografia, existe uma longa bibliografia especializada. Tomamos como referência os seguintes trabalhos: Philippe Lejeune, *L'autobiographie et l'aveu sexuel* (2008); Jean Starobinski, *Os problemas da autobiografia* (2011); Jeanne Marie Gagnebin, *Renunciar a dizer tudo* (2016); José O. De Almeida Marques, *Rousseau e a possibilidade de uma autobiografia filosófica* (2007); e Christopher Kelly, *Rousseau's exemplary life* (1987). Todos esses trabalhos mostram as inúmeras dificuldades em relação à classificação do gênero autobiográfico e, sobretudo, os problemas relativos às pretensões de verdade presentes nesse tipo de texto. De modo geral, para esses comentadores, toda autobiografia encerra algum grau de fabulação e, portanto, um distanciamento da verdade.

O filósofo e escritor Jean-Jacques Rousseau aborda esse problema da autobiografia já no *Esboço das Confissões*, texto que pode ser considerado como uma espécie de teoria da autobiografia. Nesse texto, Rousseau afirma que o conhecimento de si mesmo é sempre um conhecimento imperfeito por causa da ilusão do amor-próprio, pois quando alguém decide escrever a própria vida, ele a disfarça, faz sua apologia e se mostra apenas como gostaria de ser visto pelos outros, como num retrato no perfil mais agradável (Rousseau, 2009). Apesar da plena consciência em relação às armadilhas que a autobiografia coloca para seus autores, Rousseau acredita ser capaz desse empreendimento e elenca algumas razões para tanto. Ele se considera como um homem comum cuja história merece a atenção, mas se trata menos de prender o interesse do leitor nos acontecimentos, que podem até conter imprecisões, e mais na sua capacidade em descrever a história de sua alma, a história de seus sentimentos (Rousseau, 2009). Nesse ponto, além de acentuar mais o aspecto introspectivo e psicológico na escritura autobiográfica, Rousseau faz também um gesto democrático em relação à literatura, pois a ela não se restringiria às vidas de pessoas ilustres, como foram as de Santo Agostinho ou de Montaigne. Um homem de origem humilde como Jean-Jacques também poderia considerar sua história relevante e digna do interesse do público em geral (Rousseau, 2009).

Disso decorre outra vantagem: a de ter conhecido e observado os homens em vários estados sociais, dos mais baixos até os mais elevados, o que lhe permitiria uma comparação mais variada em relação ao outro e um olhar mais acurado para si mesmo. No caso de Rousseau, há ainda outra vantagem: a de ter a “fama da infelicidade”. Ele faz referência a sua reputação na Europa como aquela do intelectual mal compreendido e perseguido pela mentalidade dominante de seu tempo.

Nesse caso, a autobiografia colabora ainda para compreender as causas secretas dessa perseguição.³ E principalmente, Rousseau sustenta uma prova da sinceridade, que consiste em ser verdadeiro sem reserva, “dizer tudo” o que importa ser dito: o bem, o mal, expor os detalhes revoltantes, indecentes, pueris, ridículos para seguir o fio de suas “disposições secretas”.⁴ Por esse conjunto de razões, Rousseau considera sua história de vida interessante e seu projeto autobiográfico exequível, e o mais importante é que tal obra seria sempre útil para os filósofos, pois seria como uma “peça de comparação para o estudo do coração humano” (Rousseau, 2009, p. 105).

Christopher Kelly tem levado a sério essa última sugestão de Rousseau e, em sua obra *Rousseau's exemplary life* (1987), argumenta que as *Confissões* podem ter um uso filosófico como uma “fábula moral”. Em outras palavras, a autobiografia poderia ser vista como um gênero literário em que Rousseau mescla narrativa histórica da vida pessoal, algum nível de ficção e seus princípios filosóficos. Para este comentador, a autobiografia de Rousseau é uma forma literária persuasiva que deve ser interpretada como uma espécie de complemento ao sistema filosófico e considerada a partir dos seus efeitos no público leitor (Kelly, 1987, p. 13-15). Para comprovar a tese da complementariedade ao sistema, Kelly afirma que é possível estabelecer um paralelo entre os objetivos e os métodos presentes no *Discurso sobre a desigualdade*, no *Emílio* e nas *Confissões*. Em relação ao objetivo, nos três trabalhos, Rousseau narra a história do desenvolvimento das paixões na espécie e no indivíduo. Em relação ao método, diz Kelly, nos três trabalhos mencionados, Rousseau identifica as características primitivas da natureza humana e procede por um encadeamento de eventos ou por uma cadeia de afecções para compreender o estado presente da sociedade e do indivíduo. Em cada uma dessas obras, conclui o comentador, Rousseau faz considerações filosóficas sobre a causa da mudança das paixões e dos sentimentos numa ordem cronológica em que tem de preencher as lacunas com hipóteses ou com ficção (Kelly, 1987, p. 38-39).⁵

A leitura de Christopher Kelly é muito interessante e ele apresenta bons argumentos para justificar uma interpretação filosófica das *Confissões*. A autobiografia segue procedimentos e observa conceitos e princípios do sistema teórico de Rousseau, o que corrobora o esforço de

³ Desde o outono de 1761, período em que estava instalado em Montlouis e trabalhava na publicação do *Emílio* e do *Contrato Social*, Rousseau manifestava uma mania de perseguição. O atraso na impressão do *Emílio* e uma suposta invasão em seu escritório acenderam sua imaginação. Ele temia que um complô jesuíta, jansenista e filosófico conspirasse contra a publicação do livro, alterasse o conteúdo e lhe atribuisse ideias contrárias ao texto original. A paranoia se tornou ainda mais aguda em 1762, quando o *Emílio* foi de fato condenado pelo Parlamento de Paris e Rousseau teve a prisão decretada. De certo modo, todo o projeto autobiográfico se liga à mania de perseguição e a necessidade de fazer a defesa pública da sua pessoa e das suas ideias filosóficas. (Cf. Rousseau, 1964a, p. 546 ss.)

⁴ Esse é talvez o ponto mais delicado do gênero autobiográfico, sobretudo, após todas as dificuldades que a psicanálise freudiana apontou sobre o funcionamento dos conteúdos da memória. Sobre essa questão ver o artigo de Gagnebin, *Renunciar a “dizer tudo”*, 2016.

⁵ José Oscar de Almeida Marques segue uma leitura similar à de Kelly e propõe também um uso filosófico dos textos autobiográficos de Rousseau. Cf.: Marques, J. O. De A. Rousseau e a possibilidade de uma autobiografia filosófica, 2007.

contrabalançar as imprecisões factuais e prover alguma instrução filosófica do texto. Nesse caso, diríamos que a autobiografia estaria numa certa consonância com as teses filosóficas. Além disso, o efeito moral sobre o público leitor pode ser um parâmetro de julgamento a respeito da verdade na autobiografia. Nesse caso, é preciso considerar não apenas as intenções do autor das *Confissões* de revelar ao público seu verdadeiro caráter, de fazer sua defesa pública contra a difamação de seus contemporâneos, mas, sobretudo, a recepção da obra na posteridade. Nesse ponto, as *Confissões* podem ter um efeito mais interessante para o leitor contemporâneo. Podemos dizer que Rousseau colabora para popularizar um discurso laico sobre o sexo na literatura setecentista. Para usar o jargão de Michel Foucault (1988), pode-se dizer que há uma “vontade de saber” no empreendimento autobiográfico de Rousseau. Como bem nota Philippe Lejeune, a autobiografia de Rousseau abriu todo um terreno para a evolução da psicologia, da sexologia, da psicanálise e da história da sexualidade (Lejeune, 2008).

Nesse sentido, gostaríamos de salientar que a narrativa da experiência sexual ocupa um lugar importante na exposição das *Confissões* e ela abre novas perspectivas para a reflexão de Rousseau sobre o sexo. A análise do texto nos conduz a pelo menos três constatações iniciais:

I. A narrativa da experiência sexual é um recurso utilizado por Rousseau para persuadir o leitor de que está sendo sincero no seu relato, de que está apresentando um retrato fiel de seu caráter;

II. O exemplo autobiográfico de Rousseau mostra a influência da imaginação sobre a experiência sexual e, enquanto faculdade nascida da vida social, mostra também os diversos modos de corrupção, de perversão e de interdição que recaem sobre o sexo. Nesse ponto, a narrativa autobiográfica está em consonância com a teoria filosófica;

III. À medida que o escritor recorre à autobiografia para reivindicar sua autenticidade enquanto indivíduo, a retórica do sexo tem um efeito provocador de tensionar as proposições teóricas, sobretudo, a ortodoxia da moral sexual. Nesse ponto, a narrativa autobiográfica apresenta dissonâncias em relação à teoria, o que nos permite considerar que, na prática, a relação do indivíduo com o sexo é mais complexa e variada.

Em relação às duas primeiras constatações, tomemos como exemplo dois episódios. O primeiro deles é narrado no início das *Confissões* sobre a experiência precoce do prazer sexual nos castigos infligidos por Mlle. Lamercier. Antes de narrar o episódio, Rousseau afirma: “[...] É-me penoso explicar-me melhor, mas é preciso [...] A grande lição que se pode extrair dum exemplo tão comum como funesto decide-me contá-lo” (Rousseau, 1964a, p. 24). É uma história bastante

conhecida: com a idade próxima a 11 anos, Rousseau tinha uma espécie de babá que exercia sobre ele a autoridade maternal, inclusive, com ameaças de castigos físicos. Rousseau afirma que, após a execução do castigo, considerou a experiência menos terrível do que a sua expectativa, pois “tinha encontrado na dor, e até na vergonha, um misto de sensualidade [...] misturando-se sem dúvida nisso qualquer instinto precoce do sexo” (Rousseau, 1964a, p. 24).⁶

A lição desse exemplo não consiste apenas na descoberta precoce do prazer sexual, mas também no fato de que isso revela também um paradoxo da moral sexual. Rousseau afirma que esse castigo decidiu para o resto de sua vida os seus gostos, os seus desejos, as suas paixões, mas no sentido oposto ao que naturalmente seria de esperar, que “este prazer estranho, sempre persistente e levado até a depravação”, conservou nele, porém, os costumes honestos (Rousseau, 1964a, p. 25). A explicação de Rousseau para esse paradoxo é que, por causa de sua educação, mesmo na idade núbil, não tinha uma ideia muito clara a respeito da união entre os sexos, que os “preconceitos da educação” lhe figuravam apenas como uma “imagem odiosa e repulsiva”, que o fazia sentir repulsa pelas mulheres públicas e pelos libertinos (Rousseau, 1964a, p. 26). Por conta dessa educação, Rousseau não estabeleceu uma conexão entre o prazer experimentado no castigo e a união sexual em si mesma. Nos seus “furores eróticos”, diz o autor das *Confissões*, ele solicitava imaginariamente o socorro do outro sexo, sem pensar no que poderia ser útil para além de infligir o castigo desejado. Foi assim que esse gosto de infância, que deveria ter sido a sua perversão, acabou por ser justamente aquilo que o conservou. Esse gosto lascivo associado à sua timidez natural fez com que ele muito pouco empreendesse junto das mulheres, por não ousar declarar todas as suas preferências, Rousseau as compensava com fantasias da imaginação:

Estar de joelhos diante de uma mulher imperiosa, obedecer as suas ordens, ter que lhe pedir perdão, eram para mim doces delícias; e quanto mais minha viva imaginação me inflamava o sangue, mais eu tinha o ar de um amante acanhado. É concebível que semelhante maneira de amar não permita progressos muito rápidos, nem seja muito perigosa para a virtude daquelas que constituem seu objeto. Muito pouco possui, por conseguinte, mas não deixei de amar bastante à minha maneira, isto é, pela imaginação. Eis porque os meus sentidos, fizeram com que me conservasse puro de sentimentos e honesto de costumes, graças aquelas mesmas preferências que com um pouco mais de atrevimento, me teriam mergulhado nas mais brutais voluptuosidades (Rousseau, 1964a, p. 27).⁷

⁶ Como bem nota Lejeune, tradicionalmente confere-se a Freud o mérito da descoberta da sexualidade infantil, e a um certo número de escritores, entre eles Rousseau, o mérito de ter preparado essa descoberta. Esse mesmo Rousseau que dá no seu *Emílio* uma versão totalmente diferente da vida criança, que, até a puberdade, aparece como um ser assexuado (Lejeune, 2008, p. 42).

⁷ É possível que a expressão “as mais brutais voluptuosidades” seja uma alusão à sodomia. Rousseau tem um registro textual semelhante no *Discurso sobre a desigualdade*: “gosto brutal e depravado...” (Rousseau, 1978, p. 293). Ao que parece, pelo verbete *Sodomia* da *Encyclopédie*, ela era considerada um crime pela jurisprudência da época. Cf. o verbete “Sodomie” da *Encyclopédie*: <<https://artflsrv04.uchicago.edu/philoLogic4.7/encyclopedie0922/navigate/15/1353?byte=2963967>>. Acesso em 05 de set. de 2025.

Quando Rousseau fala “os preconceitos da educação” possivelmente faz referência às interdições do sexo presentes na religião cristã, o que corrobora o paradoxo da moral sexual, mas talvez o elemento mais interessante desse relato é o desfecho ambivalente dessa experiência que, de um lado reprime o sexo pelo preconceito, e por outro lado dá a ele uma energia inteiramente nova pela via da imaginação. De modo que a experiência do sexo nunca é algo puramente físico e deve ser pensada sempre conjugada com os poderes das faculdades intelectuais. A imaginação é um elemento constitutivo da experiência sexual. Como se sabe, no *Emílio*, a faculdade da imaginação é cuidadosamente controlada pela educação negativa do preceptor para evitar justamente o nascimento precoce das paixões, o que poderia comprometer o desenvolvimento moral do aluno.

Voltemos às *Confissões*. A narrativa desse episódio é considerada por Rousseau como o primeiro passo para o penoso empreendimento autobiográfico. Para o genebrino, é como se a descrição da intimidade sexual, de suas preferências, de suas tentações e perversões, superasse “as ilusões do amor-próprio”, vencesse a paixão da vergonha e abrisse o caminho para uma escritura autobiográfica sincera. Na conclusão dessa primeira narrativa sexual, Rousseau afirma: “Dei o primeiro e o mais difícil passo no labirinto escuro e lodoso de minhas confissões. O que custa mais a dizer não é o que é criminoso, mas o que é ridículo e vergonhoso” (Rousseau, 1964a, p. 27).

Outro exemplo da retórica da sinceridade por meio da narrativa da intimidade sexual pode ser identificado no livro VII das *Confissões*, quando Rousseau conta seu fiasco com uma prostituta em Veneza. Antes de iniciar esse relato, Rousseau afirma:

Se há circunstância que pinte bem o meu natural, é a que vou referir. A força com que neste momento me lembro do objetivo do meu livro levar-me-á a desprezar o falso decoro que me impediria agora de o realizar. Quem quer que sejais, vós que quereis conhecer um homem, ousai ler as duas ou três páginas seguintes: ides conhecer por inteiro J.-J. Rousseau (Rousseau, 1964a, p. 311).

Na época em que trabalhou como secretário na Embaixada da França em Veneza, Rousseau auxiliou na soltura de um navio francês e recebeu um jantar como agradecimento. O capitão do navio também lhe ofereceu uma prostituta chamada Zulietta. Ela o atacou vivamente, despertou-lhe a volúpia, apoderou-se dele, deu-lhe ordens, disse-lhe que o queria para o dia seguinte e que ele não titubeasse. No dia seguinte, Rousseau se apresenta, contempla os adornos espalhados pelo quarto de Zulietta e sente como se estivesse no “santuário do amor e da beleza”. No entanto, numa ocasião em que poderia “ousar dizer todas as suas preferências”, a moral sexual sabotou a noite de amor. Diz Rousseau: “Embotei-lhe todas as delícias, matei-as como que por prazer. Não, a natureza não me fez para gozar. Pôs-me na desgraçada cabeça o veneno daquela ventura inefável cujo apetite me pôs no coração” (Rousseau, 1964a, p. 310-311).

No momento de possuir Zulietta, diz Rousseau, “um frio mortal correu as veias”, ele se sentiu mal e se pôs a chorar como criança. A explicação de Rousseau para o seu fracasso foi que considerava inconcebível uma jovem tão bela, na condição de mulher pública, colocar-se à disposição de um homem que poderia parecer nulo a seus olhos. A sua imaginação buscava pelo defeito secreto que aquela suposta contradição escondia: ela poderia ser um mostro e ter um seio cego e disforme. Rousseau conta que Zulietta até tentou contornar a situação, mas a insistência dele nesse comportamento acabou por aborrecê-la e, com frieza e desprezo, sugeriu que deixasse as mulheres e se dedicasse ao estudo da matemática: “Zanetto, lascia le Donne, e studia la matematica” (Rousseau, 1964a, p. 312).

O episódio do fiasco com Zulietta não conta exatamente uma perversão nem um crime, é antes o relato de uma situação ridícula e vergonhosa que pode suscitar o riso no leitor, mas que, para Rousseau, vai ao encontro do objetivo de sua autobiografia, pois pinta o seu natural ao mesmo tempo em que supera os obstáculos de um falso decoro.

Por causa da menção às lágrimas, os comentadores têm relacionado esse episódio com a iniciação sexual com Mme. de Warens, quando Rousseau teve a sensação de ter cometido um incesto.⁸ Gagnebin e Raymond, os editores das *Confissões* da *Pléiade*, afirmam que, diante de Zulietta, a “frágil existência” de Rousseau é incapaz de se manter no nível de uma realidade mais rica que aquela vivida outrora com sua protetora. Ele tem necessidade de destruir essa realidade encontrando um defeito como um “vício natural”, e o escrúpulo de Rousseau também é moral, pois não é conforme à natureza que uma jovem tão bela tivesse tal profissão (Gagnebin; Raymond, 1959, p. 1401-1402). Já para Alain Grosrichard, não é inverossímil que uma remissão à Mme. de Warens tenha produzido alguma confusão no inconsciente. Com base na teoria freudiana, Grosrichard explica que a impotência psíquica “sobrevém quando, no objeto escolhido para evitar o incesto, um traço, frequentemente pouco visto, faz lembrar o objeto a se evitar”. Especialmente, diz o comentador, nos sujeitos cuja libido partilha de duas correntes inconciliáveis: a corrente da ternura, investida sobre o primeiro objeto de amor (a boa e generosa mãe), e a corrente sensual que ele só pode satisfazer com um objeto sexual que não lhe lembre em nada do objeto de amor atingido pelo interdito do incesto. Em caso de confusão, ainda que parcial e reduzida a um traço, resulta em fiasco. “Contra tal perturbação, o principal meio de proteção que utiliza o homem cuja vida amorosa está assim clivada, é o rebaixamento psíquico do objeto sexual”. Disso, conclui Grosrichard, provém a necessidade de que para Rousseau as prostitutas tenham algum defeito de natureza (Grosrichard, 2002, p. 464, n. 186).

⁸ Não discutirei neste artigo especificamente o episódio da iniciação sexual de Rousseau com Madame de Warens, mas, caso o leitor queira conferir essas passagens, cf. Rousseau, 1964a, p. 196 ss.

Uma vez mais nos deparamos com um exemplo da retórica do sexo na persuasão acerca da sinceridade no discurso autobiográfico e a influência da imaginação na construção da experiência sexual. As *Confissões* contêm uma lista relativamente variada de relatos com tais exemplos. Não vou me deter em cada um deles, mas um quadro geral pode ser útil para ter uma noção da presença desses relatos ao longo das *Confissões*:

Livro	Relato de experiência sexual	Ed. Portugália, 1964a	Ed. Pléiade, 1959
I	Castigo de Mlle. Lambergier	p. 24	p. 15
II	Investida homossexual do mouro na hospedaria de Turin	p. 74	p. 67
III	Exibicionismo, descoberta da masturbação	p. 93; p. 112-113	p. 88; p. 108-109
IV	Duas investidas homossexuais em Lyon	p. 166-169	p. 165-168
V	Iniciação sexual com Mme. De Warens	p. 196	p. 197
VI	Aventura com Mme. Lanarge	p. 249	p. 253
VII	Prostitutas em Veneza, união com Thérèse, abandono dos filhos	p. 308-312; p. 320; p. 332	p. 316-322; p. 330-331; p. 342-343.
VIII	Encontro com uma prostituta junto a Grimm e Klüpfel	p. 343-344	p. 354-355
IX	Paixão por Sophie d'Houdetot e encontros no bosque de Eaubonne	p. 424; p. 429-431	p. 439-439; p. 444-446.

Tal variedade de relatos tem rendido as mais diversas interpretações. Para Tanguy L'Aminot, no artigo *Julie libertine* (1991), afirma que a popularização das *Confissões* tem suscitado uma interpretação libertina da obra de Rousseau. Na *Psycho-pathologie de l'échec* (1944), René Leforgue levanta a hipótese da homossexualidade. Paule Adamy, em *Les corps de Rousseau* (1997), levanta hipótese semelhante. Françoise Bocquentin, em *Jean-Jacques Rousseau, femme sans enfans* (2003) defende a hipótese de uma transexualidade em Rousseau. Recentemente, as *Confissões* têm também suscitado o interesse de interpretações Queer, como as de Angela Hunter, *Rousseau's Queer Bottom: Sexual Difference in the Confessions* (2007); e Jessica Stacey, *Rousseau's Toe: towards a queer Confessions* (2019).

Essas interpretações heterodoxas da autobiografia podem causar certa surpresa no leitor habituado com os lugares comuns da filosofia de Rousseau, particularmente, com a sua ortodoxia da moral sexual. Certamente, isso poderia suscitar críticas de ordem metodológica, como se tais leituras fizessem inferências totalmente externas ao texto. É uma crítica plausível. No entanto, ao longo das *Confissões*, Rousseau apela para que o leitor tirasse suas próprias conclusões da narrativa autobiográfica, dos mal-entendidos que ele sofreu e das aparências que o condenavam. Nesse

sentido, parece-nos que as *Confissões* em alguma medida permitem tais interpretações. Além disso, a relação entre a autobiografia e a teoria filosófica, ainda que apresente dissonâncias e incoerências, às vezes insolúveis, também mostra a riqueza da obra de Rousseau, da sua capacidade de comportar antíteses e de oferecer um material textual rico para a crítica da posteridade.

No nosso caso específico, gostaríamos apenas de sublinhar que o indivíduo das *Confissões* apresenta uma relação mais complexa e variada com o sexo, pelo menos, mais complexa e variada do que aquela que é preconizada nos textos teóricos, como o *Emílio*. Para exemplificar isso, tomemos duas considerações que Rousseau faz sobre si mesmo. A primeira delas está presente já no início das *Confissões*. No livro I, ele nos conta que seu nascimento havia custado a vida de sua mãe, que ela havia deixado romances que o pai lia para ele antes do jantar. Por meio desse “perigoso método” de aprendizagem, aos seis anos, Jean-Jacques tinha já uma imaginação viva e um conhecimento precoce das paixões. Uma leitura que o curou um pouco dos romances na infância foi a de Plutarco, e, de tanto imitar espartanos e romanos, Jean-Jacques se tornou altivo e indomável, intolerante ao jugo da servidão. Sobre essas influências literárias, Rousseau afirma:

Tais foram as primeiras afecções de minha entrada na vida; assim começava se formar ou a se mostrar em mim esse coração às vezes tão altivo e tão terno, esse caráter efeminado, porém indomável, que, flutuando sempre entre a fraqueza e a coragem, entre o langor e a virtude, tem me tomado em contradição comigo até o fim, e feito com que a abstinência e o gozo, o prazer e a sabedoria, igualmente me escapem (Rousseau, 1964a, p. 21-22).

Portanto, já nessas primeiras páginas das *Confissões*, Rousseau apresenta uma descrição de um caráter que conjuga elementos da virilidade republicana e da feminilidade, cuja inspiração vinha da sua formação literária romanesca. No entanto, essa “flutuação” no caráter é lamentada como uma contradição insolúvel, considerada como um obstáculo que não lhe permite experimentar plenamente o gozo e o prazer.

Uma segunda consideração sobre sua individualidade pode ser encontrada no início do livro IX das *Confissões*, quando Rousseau descreve suas disposições afetivas que culminaram na composição do romance *A Nova Heloísa* e na sua grande paixão por Sophie d'Houdetot. Rousseau inicia a narrativa fazendo um balanço de sua relação com Thérèse Levasseur.⁹ Rousseau

⁹ A relação com Thérèse e o abandono dos filhos é um dos pontos da autobiografia de Rousseau que também abre toda uma discussão sobre o sexo. Num longo comentário, Gagnebin e Raymond examinam o estado da questão até 1959, ano da primeira edição das *Confissões* da Pléiade. De um lado, eles expõem quatro hipóteses gerais que negam a paternidade de Rousseau: 1) a tese da impotência/esterilidade de Rousseau: desde o século XVIII, alguns biógrafos colocam em dúvida a paternidade em razão de uma possível impotência sexual. Essa tese também é defendida por alguns médicos que se concentram nas patologias relatadas por Rousseau que poderiam levar à esterilidade e à impotência; 2) a tese da infidelidade de Thérèse baseada em relatos discutíveis, mas reforçada pelo episódio da viagem de Paris a Inglaterra junto a James Boswell; 3) a tese da fábula inventada por Rousseau para “salvar sua obra”, pois confessar uma falta muito grave seria como um atestado de sinceridade autobiográfica; 4) a tese de uma fábula inventada pelas Levasseurs, mãe e filha, em vista de criar um vínculo entre Rousseau e Thérèse (Gagnebin; Raymond, 1959, p. 1416-1419). A essas quatro hipóteses, os comentadores opõem os seguintes fatos: a confissão do autor, os testemunhos de seus contemporâneos e documentos encontrados nos arquivos do Hospital de Crianças Abandonadas.

considerava Thérèse como uma espécie de suplemento de Mme. de Warens. Ele afirma que nunca a amou verdadeiramente, que as necessidades que junto dela satisfez foram unicamente as do sexo, “sem nada terem de especial para o indivíduo” (Rousseau, 1964a, p. 401). A sua singular necessidade de uma companhia ainda mais íntima que a simples união dos corpos e ainda mais fiel que os laços da amizade nunca fora plenamente satisfeita. Para a satisfação de Rousseau, era mesmo necessário “duas almas no mesmo corpo; sem isso sentia um vazio” (Rousseau, 1964a, p. 401). Como bem notam Gagnebin e Raymond, duas almas no mesmo corpo é uma referência ao mito de Andrógeno, e a necessidade de uma intimidade do coração reenvia à época em que vivia com Mme. de Warens, a protetora que iniciou Rousseau sexualmente (Gagnebin; Raymond, 1959, p. 1474). Certamente, o mito do andrógeno permite uma explicação interessante para a duplicidade do caráter de Rousseau, e a época em que viveu junto de Mme. de Warens remete ao momento em que a descoberta da sexualidade é também a tomada de consciência da tentação para o incesto. Flutuação e tentação proibidas pela moral sexual, não deixando ao indivíduo senão o recurso da imaginação criadora:

A impossibilidade de alcançar seres reais lançou-me no país das quimeras [...] Representava para mim o amor, a amizade, os dois ídolos do meu coração, sob as mais arrebatadoras imagens. Deleitei-me a embelezá-los com todos os encantos do sexo que sempre tinha adorado. Imaginava de preferência duas amigas a dois amigos [...] Dei a uma delas um amante de quem a outra fosse uma amiga terna, e até qualquer coisa mais (Rousseau, 1964a, p. 413-416).

Rousseau afirma que estava tão seduzido pelos seus seres imaginários que resolveu por começar a ordenar as ideias e compor uma obra de ficção: *Júlia, ou A Nova Heloísa*. Com efeito, a escritura romanesca é também uma espécie de suplemento pelo qual Rousseau reelabora a

Sobre a confissão do autor, os comentadores citam a carta de Rousseau a Mme. de Francueil, em 21/04/1751, única que é contemporânea ao abandono das crianças; a carta a Mme. de Luxemburgo, em 12/06/1761; a carta a M. de Saint-Germain, em 26/02/1770. Rousseau faz ainda uma menção indireta no *Prefácio a Narciso* (1753), quando ele compara sua peça com “filhos ilegítimos que se acaricia ainda com prazer, mas corando por ser seu pai”; outra menção no livro I do *Emílio*, onde afirma que aquele que desdenha o dever paterno derramará lágrimas amargas e inconsoláveis; as inúmeras passagens das *Confissões*; e uma passagem da *Nona Caminhada dos Devaneios*, em que explica o abandono porque, não tendo condições de criar os filhos ele mesmo, a mãe os teria mimado e a família materna teria lhes dado uma péssima educação. Em relação aos testemunhos dos contemporâneos de Rousseau, os comentadores afirmam que Grimm faz uma alusão na *Correspondência Literária* de 15/06/1762; o Dr. Tronchin faz alusões do caso em correspondência com Moulton, em 17/06/1762, e em correspondência com Grimm, em 01/07/1763. Para Gagnebin e Raymond é possível conjecturar que foram Grimm e Tronchin os informantes de Voltaire sobre o caso, que ele trouxe a público no *Sentiment des citoyens* (1764), tema que o patriarca das Luzes retomou numa carta a M. de Chabanon de 03/11/1766; e Henri Meister também reporta o caso numa carta a J.-J. Bodmer em 22/11/1777. Por fim, os comentadores afirmam que há uma inscrição de um recém-nascido sob o nome de Rousseau encontrada no Hospital de Crianças Abandonadas, cuja data é próxima a que é fornecida nas *Confissões*. Por essas razões, Gagnebin e Raymond estimam que se possa concluir veracidade de Rousseau em relação ao abandono de seus filhos (Gagnebin; Raymond, 1959, p. 1419-1422). Na edição comemorativa das *Confissões* da Slatkine, de 2012, Raymond Trousson nos mostra que a questão dos filhos tem sido retomada. Trousson indica os trabalhos de Paule Adamy, para quem Rousseau teria dissimulado sua homossexualidade sob uma pretensa confissão que suporia uma vida sexual normal e mesmo relações sexuais frequentes (Adamy, *Les corps de Rousseau*, 1997). E indica também o estudo de Françoise Bocquentin, para quem Rousseau, transexual, nunca teria sido realmente pai (Bocquentin, *Jean-Jacques Rousseau, femme sans enfans*, 2003). Cf. Trousson. In: Rousseau, *Confessions*. Ed. Slatkine, 2012, p. 466-467.

satisfação de suas necessidades. No romance de Rousseau, em maior ou menor grau, em todas as personagens principais (Saint-Preux, Júlia, Clara, Wolmar), havia algo de confessional. E, particularmente, a personagem Clara foi quem questionou a identidade da alma com o sexo, em termos semelhantes ao de Rousseau nas *Confissões*. Diz Clara no romance:

Diz-me, minha filha, a alma tem sexo? Na verdade, não o sinto na minha. Posso ter fantasias mas muito poucas de amor. Um marido pode ser-me útil, mas nunca será para mim senão um marido, e desses, livre ainda e passável como sou, posso encontrar um em qualquer lugar do mundo. (Rousseau, 1994, p. 190).

Sobre essa passagem, recomendo fortemente o livro de Laure Challandes, *L'âme a-t-elle un sexe?* (2011), que explora a teoria da diferença sexual no romance de Rousseau. A tese de Challandes nos convida a pensar a teoria da diferença sexual não apenas pela perspectiva da personagem Júlia, mas, sobretudo, na perspectiva da personagem Clara que relativiza a diferença sexual, critica o jugo casamento e, depois de viúva, prefere uma vida livre e independente.

Mas, voltando às *Confissões*, é nesse contexto de insatisfação junto à Thérèse e de compensação na imaginação literária que Rousseau se apaixonou por Sophie d'Houdetot. Na época de composição do romance, a cunhada de Madame d'Épinay fez uma visita ao Ermitage e, na ocasião “fez a viagem a cavalo e vestida a homem”. Apesar de não gostar destas espécies de disfarces que confundem a diferença entre os sexos, o ar romanesco da situação impressionou Rousseau e, desta vez, ele sentiu o amor (Rousseau, 1964a, p. 424). Rousseau reconhece em Sofia, traços da personagem principal do romance com o qual trabalhava. Certamente, a projeção da personagem Júlia em Sophie d'Houdetot colaborou para ativar a paixão em Rousseau, mas a contradição entre o traje masculino num corpo feminino não teria sido também um atrativo para o desejo?

Nas *Confissões*, Rousseau afirma que não possuiu Sophie e argumenta que isso não ocorreu porque ela já estava apaixonada por outro homem e tinha por Rousseau apenas o sentimento da amizade. Para ele, é como se houvesse um impedimento no desejo em levar a termo a possessão carnal: “se, transviado algumas vezes pelos sentidos, tentei levá-la a ser infiel, nunca verdadeiramente a desejei. A própria violência da minha paixão me fazia conter [...] Amava-a demasiado para desejar possuí-la” (Rousseau, 1964a, p. 429). Por outro lado, isso não impediu que ele experimentasse o prazer do seu próprio modo, pela imaginação. No caminho desses encontros no bosque, só de imaginar um beijo de Sophie, diz Rousseau, “toda minha máquina ficava numa inconcebível desordem” (Rousseau, 1964a, p. 429). Afirma que procurava se distrair, pensar noutra coisa, ou escrever bilhetes de amor para enganar seus arrebatamentos, mas alguns passos adiante, as mesmas lembranças voltavam e “todos os acidentes que eram a consequência delas [...] por mais esforços que fizesse, nunca me aconteceu fazer o trajeto impunemente”. Com meses de privação e

de esgotamento, este foi o “único prazer amoroso do homem de temperamento mais combustível e ao mesmo tempo tímido que a natureza produziu” (Rousseau, 1964a, p. 429-430).¹⁰

Georges Benrekassa, em seu artigo *L'individu et le sexe* (1976), tem já explorado a complexidade desse tema na obra de Rousseau. Para o comentador, essas considerações, que Rousseau faz no livro IX das *Confissões*, mostram que, num certo sentido, o indivíduo envolve o sexo mas também o excede, isso é possível num sistema em que há uma barreira que impede a identidade entre o indivíduo e o sexo (Benrekassa, 1976, p. 53). Na aventura do bosque d'Eaubonne com Sophie, diz o comentador, não há união entre os sexos, mas há uma união na forma simbólica da linguagem. Rousseau utiliza uma linguagem sublime na qual seu desejo se faz presente até extrair lágrimas de Sophie (Benrekassa, 1976, p. 59). Para o comentador, em Rousseau, há um duplo esforço para preencher e aumentar a distância entre o indivíduo e o sexo, e sua reflexão sobre o sexo na autobiografia é também um constante questionamento sobre a liberdade e sobre a identidade (Benrekassa, 1976, p. 60).

Considerações finais:

Como se pode notar por esses episódios das *Confissões*, a questão sexual ocupa um lugar importante na autobiografia de Rousseau. Contra a dificuldade de se acessar a verdade no discurso autobiográfico, a narrativa da intimidade sexual opera como uma espécie de recurso retórico. Se leitor está persuadido da sinceridade de Rousseau, isso é outra história. Em todo caso, tal exposição se apresenta como um lugar privilegiado para sondar o caráter e o temperamento de um indivíduo. O indivíduo das *Confissões* tem um caráter que conjuga a virilidade e a feminilidade, um temperamento combustível e, ao mesmo tempo, tímido. Essa flutuação é sentida como uma contradição constituinte sujeito. A moral que reprime o desejo é paradoxal, nascida de uma intenção disciplinar, desperta precocemente os sentidos e abre todo um caminho para a imaginação, porém, associada aos preconceitos da educação, da religião e à timidez do indivíduo, resulta em costumes honestos. Em Rousseau, o ímpeto pela virtude não deixa de tirar sua força da volúpia. Na falta ou na impossibilidade do gozo e do prazer, o indivíduo tem ainda o recurso do suplemento: o suplemento da imaginação, na forma da fantasia erótica, e o suplemento da escritura, na forma da ficção romanesca. E aqui se comprehende o sucesso ambivalente de *Júlia, ou A nova Heloísa*.

¹⁰ Em comentário a essa passagem das *Confissões* sobre o termo *impunemente*, Alain Grosrichard remete ao verbete “Poluição” da *Encyclopédie*, que distingue a poluição voluntária da poluição involuntária. A primeira é aquela a qual não se entrega impunemente, porque São Paulo diz que aqueles que caem nesse crime não entrarão no reino de Deus. A segunda é aquela que ocorre durante o sono, em consequência de algum sonho que perturba a imaginação. Chama-se ilusão. Ela não torna culpável a pessoa que a comete, a menos que ela não tenha dado ocasião se deleitando com algum pensamento impuro. (Grosrichard, 2002, tomo II, p. 522).

É fácil de perceber as dissonâncias que a narrativa autobiográfica tem em relação a exposição teórica de Rousseau acerca do sexo. A juxtaposição do *Emílio* e das *Confissões*, por exemplo, mostra que essas diferenças se devem porque, no primeiro caso, trata-se de um indivíduo em que a sexo recebe o tratamento de uma educação adequada para proteger o aluno da corrupção social. Já no segundo caso, trata-se de mostrar a história de corrupção de um indivíduo que recebeu uma educação irregular. Nesse sentido, o discurso das *Confissões* é um exemplo que expressa a condição humana na realidade concreta. Em consonância com a teoria filosófica, Rousseau se toma como um exemplo de um indivíduo nascido bom, mas corrompido pela sociedade e, enquanto tal, sujeito às diversas formas de perversão e de interdição que recaem sobre o sexo.

Mas, se interpretamos o discurso autobiográfico como um complemento, no sentido de uma parte que se acrescenta ao todo, essa peça de comparação pode ter outro sentido. A retórica do sexo, justamente nas suas dissonâncias, não seria também uma forma de tensionar e mesmo de ampliar a reflexão de Rousseau sobre o sexo? É verdade que a teoria de Rousseau no *Emílio* colaborou para a formulação de uma moral sexual em que há uma ordenação dos desejos, alinhada com o projeto de harmonizar, da melhor maneira possível, o indivíduo, a família e a sociedade. Mas essa mesma formulação teórica não parece contemplar o indivíduo das *Confissões*, tampouco se compatibilizar com a singularidade do seu caráter. Como bem notara Berenkassa, o relato das *Confissões* também denota um apelo por maior liberdade do indivíduo. Liberdade essa que é vivenciada como um conflito por remeter a uma pluralidade do sexo, que as leis morais e civis condenam. Em suma, as divergências entre a teoria filosófica e a autobiografia de Rousseau podem ser entendidas como acordes de dissonâncias musicais, ou seja, combinações tensas como se precisassem de uma solução, mas que no fundo expressam a liberdade, a criatividade e a complexidade de um autor.

Referências

- ADAMY, Paule. **Le corps de Jean-Jacques Rousseau**. Paris: Honoré Champion, 1997.
- BENREKASSA, G. « L'individu et le sexe: du discours de l'Emile au texte des Confessions », **Revue des sciences humaines**, 161, 1976-1.
- BLOOM, Allan. **Amor & amizade**. Tradução por J. E. Smith Caldas. São Paulo: Mandarim, 1996.
- BOCQUENTIN, Françoise. Rousseau: Femme sans enfants? In: GUICHET, Jean Luc. **La question sexuelle**: interrogations de la sexualité dans l'oeuvre et la pensée de Rousseau. Paris: Classiques Garniers, 2012, p. 335-359.
- CHALLANDES, Laure. « **L'âme a-t-elle un sexe?** » Formes et paradoxes de la distinction sexuelle dans l'œuvre de Jean-Jacques Rousseau. Classique Garnier, 2011.

D'ARGIS, Boucher. Sodomie. **Encyclopédie**. The University of Chicago. Disponível em: <<https://artflsrv04.uchicago.edu/philologic4.7/encyclopedie0922/navigate/15/1353?byte=2963967>>. Acesso em 10 de set. de 2025.

FERREIRA JUNIOR, Paulo. **O paradoxo do sexo:** a sexualidade no pensamento de Jean-Jacques Rousseau. São Carlos: UFSCar, 2021. 266f. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em Filosofia. Universidade Federal de São Carlos, Brasil, 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. Tradução por Maria T. C. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GAGNEBIN, Bernard; RAYMOND, Marcel. Introduction, notes et variantes. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Oeuvres Complètes**. Paris: Gallimard, tome I, 1959;

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Renunciar a “dizer tudo”. **Laguna: Revista de psicanálise**. São Paulo, n. 1, p. 2, 2016. Disponível em <<https://revistalacuna.com/2016/05/22/renunciar-a-dizer-tudo/>>. Acesso em: 23 de out. de 2025.

GROSFRICHARD, Alain. Présentation et notes. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Les Confessions**. Paris: Garnier Flammarion, 2002.

GUICHET, Jean-Luc. **La question sexuelle**. Paris: Classiques Garnier, 2012.

HUNTER, Angela. Rousseau's Queer bottom: Sexual Difference in the Confessions. In: DAY, James. **Queer sexualities in French and Francophone literature and film**. Amsterdam; New York: Rodopi, 2007.

KELLY, Christopher. **Rousseau's exemplary lives:** The Confessions as political philosophy. New York: Cornell University Press, 1987.

L'AMINOT, Tanguy. "Julie libertine". **Etudes J.-J. Rousseau**, n°5: La Nouvelle Héloïse aujourd'hui, 1991, p. 99-126.

LAFORGUE, René. **Psychopathologie de l'échec**. Paris: G. Trédaniel, 1993.

LEJEUNE, Philippe. L'autobiografie et l'aveu sexuel. **Revue de littérature comparée**, 2008/1, n 325, p. 37-51. Disponível em: <[L'autobiographie et l'aveu sexuel | Cairn.info](https://www.cairn.info/autobiographie-aveu-sexuel.htm)>. Acesso em 10 de set. de 2025.

MARQUES, José Oscar de Almeida. Rousseau e a possibilidade de uma autobiografia filosófica. In: MARQUES, José Oscar de Almeida. **Reflexos de Rousseau**. São Paulo: Humanitas, 2007, p. 153-172. Disponível em <https://www.unicamp.br/~jmarques/pesq/Autobiografia_filosofica.pdf>. Acesso em 10 de set. de 2025.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Confissões**. Tradução por Fernando Lopes Graça. Lisboa: Editora Portugália, 1964a.

- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social; Ensaio sobre a origem das línguas; Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens; Discurso sobre as ciências e as artes.** Tradução por Lourdes Santos Machado; introdução e notas de Paulo Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Coleção Os Pensadores).
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da educação.** Tradução por Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995a.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Júlia ou A Nova Heloísa.** Tradução por Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo-Campinas: HUCITEC - Editora da Unicamp, 1994.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Oeuvres Complètes.** Édition thématique du Tricentenaire, sous la direction de Raymond TROUSSON et Frédéric S. EIGELDINGER. Paris: Slatkine/Honoré Champion, 2012. Disponível em <https://rousseau.slatkine.com/index.php>. Acesso em: 23 out. 2025.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Les Confessions.** Édition établie et présentée par Alain Grosrichard. Paris: Garnier Flammarion, 2002.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Oeuvres Complètes.** Paris: Gallimard, v.1, 1959; v.2, 1964b; v.3, 1964c; v.4, 1969; v.5, 1995b. (Coleção Bibliothèque de La Pléiade).
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Oeuvres Complètes.** Édition thématique du tricentenaire. Genève : Slatkine ; Paris : Champions, 2012.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Textos autobiográficos e outros escritos.** Tradução, introdução e notas de Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- STACY, Jessica. Rousseau's Toe: towards a queer Confessions. ISECS: International Congress on the Enlightenment, 15th, 2019, Edinburgh, Scotland.
- STAROBINSKI, Jean. **A transparência e o obstáculo.** Tradução por Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- STILL, Judith. Hospitality and sexual difference in Rousseau's Confessions In: ORR, Mary.; SHARPE, Lesley. **From Goethe to Gide: Feminism, aesthetics and the French and German Literary Canon 1770-1983.** Exeter: University of Exeter Press, 2005.
- TROUSSON, Raymond; EIGELDINGER, Frédéric. **Dictionnaire de Jean-Jacques Rousseau.** Paris: Honoré Champion, 2006.

Recebido em: 22/10/2025

Aprovado em: 09/11/2025